

1963: O Massacre da Usiminas/PMMG em Ipatinga

Por Luiz Alves, do Jornal A Verdade 17/09/2006 às 22:04

A metralhadora abria fogo. Mais de 15 minutos de rajadas e dezenas de corpos lançados no ar e caindo ao chão, estremecendo. Os policiais fugiram com medo de serem linchados, abrindo fogo no meio da multidão e fazendo novas vítimas. Houve mais de 30 mortos e 3 mil feridos.

(Veiculado por Heitor Reis)

O massacre dos operários de Usiminas

Luiz Alves

Usiminas instalou-se na então vila de Ipatinga, Município de Coronel Fabriciano (MG), região do Vale do Aço, com 55% de capital estatal, 5% de empresários nacionais e 40% de japoneses. Seus operários eram antigos camponeses e filhos destes, expulsos da terra pela Companhia Belgo-Mineira, que obtendo falsos títulos de propriedade, jogava as famílias de camponeses nas pequenas cidades da região. Os que resistiam eram mortos, presos, torturados. Nas cidades, sem meio de sobrevivência, quantas famílias viram as filhas se prostituírem, por falta de um meio de sobrevivência digno.

A Usiminas foi vista como a solução da problemática e começou a operar no dia 26 de outubro de 1962. Não conseguia, é claro, absorver a demanda de empregos proveniente dos camponeses expulsos da terra. Registrou-se um inchamento dos aglomerados urbanos e o crescimento do desemprego, da mendicância.

Em fins de 1963, a Usiminas tinha 15 mil operários, dos quais 8 mil empregados diretos e os demais, por intermédio de empreiteiras. Algumas mantinham os trabalhadores em regime de semi-escavidão, enquanto seus donos enriqueciam. Os trabalhadores de empreiteiras recebiam salário menor, moravam nas cidades próximas, gastando mais com transporte; eram chamados de bóias-frias e peões. Não tinham sequer o direito de se filiar ao Sindicato dos Metalúrgicos, cuja sede ficava em Coronel Fabriciano.

Luta contra exploração

Os operários da Usiminas se mobilizavam por salário, melhoria na alimentação, condições de moradia, transporte e fim das arbitrariedades. Havia multas, como humilhações nas revistas de entrada e saída da fábrica, batidas à noite nos barracos em que moravam, espancamento dos que permaneciam nas ruas após o toque de recolher, prisão de líderes sindicais. O operário Matorzinho Ferreira Ramos quase foi castrado porque estava fazendo campanha de sindicalização.

Além da superexploração e dos maus-tratos imprimidos pela Usiminas, os operários de Ipatinga eram revoltados com suas condições de vida, com as diferenças de classe. De um lado, favelas; do outro, belas mansões. O Binômio, jornalzinho da época, retrata: "Os operários da Usiminas estão revoltados com as injustiças sociais de Ipatinga. Enquanto moram em barracões de caixotes nas favelas ou em alojamentos precários, os engenheiros e os japoneses vivem em casas luxuosas. Respira-se um ar de intranquilidade. Outro motivo de revolta dos operários é o de, exercendo as mesmas funções de um japonês, ganharem menos, o que é proibido pela Constituição Federal, no seu artigo 157.

Estoura a Revolta

Outubro de 1963. Dia 6. Nesta data, ao saírem de uma estafante jornada de trabalho, os operários se defrontaram com uma repressão ainda maior que a usual. Todo mundo foi revistado; ninguém poderia levar leite para casa; o que sobrou, tinha de ser jogado numa grande lixeira instalada na portaria. Um operário insistiu em levar o leite, era o único que tinha para dar ao seu filho. Um vigilante, então, atirou contra o recipiente, derramando o leite e, por pouco, não acertando o trabalhador. Foi o estopim. A massa de operários abriu o portão à força; os guardas nada puderam fazer. Acionada, a polícia, quando chegou, encontrou poucos trabalhadores, mas não ?perdeu? a viagem. Os retardatários foram presos e espancados. Os soldados, porém, não se contentaram e foram para o alojamento Santa Mônica. Avisados com antecedência, os operários fizeram barricadas e se prepararam para a luta. Os policiais recuaram. Partiram, então, para o Chicago Blitz, acampamento dos trabalhadores de empreiteiras, mais frágeis.

Cena mais humilhante, Ipatinga jamais havia visto. Trezentos operários foram arrastados dos barracos (um foi assassinado no interior de casa) e obrigados a deitarem no chão, de costas, com a cara na lama. Estava chovendo. Os soldados riscando as espadas nos seus corpos, disparando rajadas de metralhadoras para o ar. Alguns deles, sórdidos, botaram os cavalos para pisotear os trabalhadores, urinaram em cima deles. Muitos foram feridos.

A notícia da selvageria aumentou a revolta dos operários. No restante daquela fatídica noite, a palavra mais ouvida em Ipatinga foi GREVE! E ela aconteceu.

Na manhã do dia 7 de outubro, 2 mil trabalhadores puseram-se em frente aos portões da Usiminas. Aos companheiros que iam chegando, contavam os acontecimentos da noite anterior e todos aderiam ao movimento. Prepararam uma lista de reivindicações a ser entregue à diretoria da empresa. Às reivindicações econômicas históricas, acrescentaram: retirada da polícia e substituição do corpo de vigilância.

O massacre

A Polícia, é claro, não tardou a chegar. Veio num caminhão, com uma metralhadora tripé instalada. A multidão vaiou, algumas pedras foram lançadas. Os soldados ameaçaram atirar. O vigário, padre Avelino, percebendo a gravidade da situação, tentou convencer o administrador Gil Guatimosin a receber uma comissão de operários, mas ele disse que não negociaria com grevistas. Enquanto conversavam numa sala o administrador e o comandante do destacamento, capitão Robson, alguém viu este passar um bilhete para o tenente Jurandir Gomes de Carvalho. Pouco depois, a metralhadora abriu fogo. Primeiro, para cima, depois em cima dos operários. Começou a carnificina. Mais de 15 minutos de rajadas e dezenas de corpos lançados no ar e caindo ao chão, estremecendo. José Isabel do Nascimento, fotógrafo amador, registrava tudo até ser despedaçado pela balas. A seguir, os policiais (eram apenas 19) fugiram com medo de serem linchados, abrindo fogo no meio da multidão e fazendo novas vítimas, entre as quais uma mulher grávida e uma criança de três meses (a mãe, ferida, escapou). Foram se esconder nos morros que cercam Ipatinga. Os vigilantes e os administradores da Usiminas também fugiram. Há controvérsias sobre o saldo trágico, mas é voz corrente que houve mais de 30 mortos e 3 mil feridos.

Seguiram-se três dias de rebelião, em que a multidão incendiou a guarita da vigilância que motivara os distúrbios, a seguir destruiu o caminhão de onde a metralhadora foi acionada, a delegacia, a cadeia pública.

A vitória

Autoridades estaduais se deslocaram para Ipatinga, para negociar com representantes dos trabalhadores, da Usiminas e das empreiteiras. Os trabalhadores apresentaram suas reivindicações econômicas e mais: afastamento da polícia militar, que seria substituída por tropas federais; extinção do corpo de vigilância, cuja função seria desempenhada por funcionários escolhidos em processo seletivo acompanhado pelo sindicato; pensão para as viúvas dos operários mortos; nenhuma punição aos operários que tivessem participado do movimento; assistência aos feridos. Os operários foram atendidos, exceto no que se refere à polícia, que não foi substituída, mas retirou o destacamento de Ipatinga. Só viria, de coronel Fabriciano, quando acionada. Foi aprovado reajuste salarial de 38% e formada uma comissão com representantes da empresa e dos trabalhadores com a missão de elaborar um plano referente à moradia, à alimentação e ao transporte dos operários. Os policiais foram afastados da corporação e se instalou inquérito para apurar suas responsabilidades.

Ditadura anulou conquistas

O acordo ainda estava sendo implementado, quando Ipatinga, como todo o país, foi atingida por uma tragédia maior: o golpe de Estado de 1º de abril de 1964. Os operários que mais se destacavam nas lutas foram caçados como ratos; muitos foram presos, torturados, mortos; líderes sindicais, cassados. Em 1965, os policiais foram absolvidos pela Justiça Militar. As vítimas foram transformadas em réus. As pensões das viúvas, cortadas. Magalhães Pinto, que era Governador do Estado de Minas Gerais, na época do massacre, foi o principal líder civil do golpe de 1964.

Os velhos operários, hoje aposentados, que viveram o terror daquele 7 de outubro, não gostam de falar do que sofreram e presenciaram. Muitos têm parentes trabalhando na Usiminas e temem represálias. ?A gente é pobre e de cor. Vão falar: é preto doido. Não vou aborrecer ninguém. Então, deixa o meu aborrecimento comigo?, disse José Elias dos Santos ao Estado de Minas, edição de 1º de junho de 2003.

Do lado dos repressores, falando ao mesmo órgão de imprensa, afirmou o ex-policial Joaquim de Carvalho: ?Por meu gosto, nunca tinha feito um negócio daqueles. Até hoje tenho remorso. Nunca pensei em tirar a vida de ninguém?. Ele, entretanto, diz que ninguém deu ordem para que eles dissolvessem a manifestação a bala, que a iniciativa foi de cada um dos soldados.

Já outro ex-policial que não quis se identificar, falou ao Jornal Em Tempo (edição de agosto de 1978): ?Na noite anterior nos deram cachaça com pólvora, para dar valentia e brabeza. Disseram que os operários iam quebrar a Usiminas. O tenente Jurandir deu ordem de fogo. Disseram que Gil Guatimosin (administrador da empresa) foi quem mandou, mas não posso garantir?

Reconhecimento oficial

O Secretário Nacional de Direitos Humanos, Nilmário Miranda, informou que a Secretaria está estudando a concessão de benefícios aos familiares de pessoas que morreram em conflitos de rua com a polícia, entre 1961 e 1988, o que beneficiará os herdeiros das vítimas da Usiminas. ?Dinheiro nenhum no mundo vai pagar a dor pela qual a gente passou?, afirma Rossi do Nascimento Filho, filho do fotógrafo assassinado.

Notas:

1. A Usiminas foi privatizada em 1991.

(Publicado no jornal *A Verdade*, N° 44)

04/10/2007

Debate relembra o Massacre de Ipatinga na Câmara

Com o objetivo de relembrar os fatos acontecidos no Massacre de Ipatinga em 07 de Outubro de 1963, a Câmara Municipal, em atendimento ao requerimento nº90/2007 de autoria do vereador Agnaldo Bicalho (PT), realizou audiência pública nesta terça-feira, 02.

Para debater sobre o assunto, estiveram presentes o presidente regional da CUT no Vale do Aço, Marcos Túlio da Silva; a historiadora e autora do livro “Massacre de Ipatinga – Mitos e Verdades”, Marilene Tuler; o professor do Unileste-MG, Paulo da Rocha Dias; o professor da Estácio de Sá, Marcelo Freitas e a testemunha do Massacre José Martins da Silva.

Durante a audiência, foram debatidas questões como o real número de mortos no confronto entre os operários e a polícia, o silêncio entorno dos acontecimentos do Massacre e também as conseqüências para a cidade.

Marcelo Freitas, professor universitário em Belo Horizonte, realizou uma pesquisa para tentar levantar nomes de vítimas que não constam na lista oficial que contem 08 mortos. “Nas minhas buscas encontrei quatro pessoas desaparecidas. Tentei obter informações sobre eles, e não encontrei nenhum registro de Identidade, CPF ou Título de Eleitor que pudesse me indicar o paradeiro dessas pessoas”, explicou o pesquisador.

A pesquisa realizada pela historiadora ipatinguense Marilene Tuler para a publicação de seu livro “Massacre de Ipatinga – Mitos e Verdades” tem a intenção de esclarecer para a população local, o que realmente aconteceu naquele período. “Um dos objetivos da minha pesquisa foi contextualizar o Massacre, delimitando e descrevendo a realidade do país em 1963”, destacou a escritora.

Segundo Marilene havia naquele momento histórico, um conjunto de elementos que favorecia a ocorrência de movimentos operários. E o Massacre de Ipatinga deve ser considerado como um fato importante no contexto pré-Golpe de 1964, pois revela, juntamente com outros episódios ocorridos no período a tensão presente na sociedade brasileira.

O professor Paulo Rocha destacou que o trabalho feito por Marilene é importante para cidade porque ficará como um registro oficial da história de Ipatinga. “Esta é uma versão hegemônica, que as demais gerações terão como verdadeira. O Massacre não cairá no esquecimento pois, o livro legitima os ocorridos”, afirmou.

Estiveram presentes à audiência representantes do Sintserp de Ipatinga e Timóteo, Seci, Sind-Ute e CUT, entidades sociais, professores e alunos da Escola Estadual João XXIII.

O lançamento do Livro de Marilene será amanhã no stand da Livraria Leitura no 2º Salão do Livro, no Centro Cultural da Usiminas no Shopping do Vale do Aço, às 18h.

A ótica da ditadura por um de seus personagens

por
[31/03/2004]

Vinícius

S.

Varela



Após o suicídio do presidente Getúlio Vargas, marco do populismo brasileiro, a vida política do País entrava em uma nova etapa. Nos meses seguintes, três presidentes assumiram o governo, mas todos fracassaram no combate à inflação. Em 1956, com a eleição de Juscelino Kubitschek, o Brasil passou a respirar novos ares administrativos. A crise do populismo se agravou em 1961 com o início do polêmico governo de Jânio Quadros. O não cumprimento das promessas de varrer a corrupção, traçar novos horizontes econômicos e sua política de aproximação ao socialismo de Fidel Castro e Che Guevara, acabaram por ocasionar sua renúncia em 25 de agosto de 1961.

A crise democrática e o golpe de Março

Depois de muito alvoroço político, o vice-presidente de Jânio, João Goulart foi empossado presidente em Setembro de 61 sob a criação do parlamento que limitava os poderes do presidente e ampliava os do congresso. Jango buscou apoio político e em janeiro de 63 saiu vitorioso no plebiscito que aprovara o retorno do presidencialismo. Porém a política de reformas de base provocou violenta oposição das classes mais conservadoras. O comício de Jango na Central do Brasil em 13 de Março foi a gota d'água para a insatisfação popular, e deflagrou em 31 do mesmo mês o golpe militar que exilou o então presidente Jango no Uruguai. Assim, há exatos 40 anos, o poder do País passava para as mãos dos militares.

Ensaio Militar: Ipatinga e o Massacre

Em 7 de Outubro de 1963 os militares realizaram uma espécie de ensaio do que seria a Revolução Militar mais tarde reconhecida como golpe militar de 64. Os trabalhadores da empresa Usiminas na cidade de Ipatinga interior de Minas Gerais foram as primeiras

vítimas das práticas de torturas pelos militares, a mando do então governador mineiro, Magalhães Pinto, que mais tarde participaria com afinco da ditadura.

Praça 1º de Maio em Ipatinga, 1963

O episódio de Ipatinga mais tarde refletiu em todo o país com o Regime Militar. De acordo com alguns dados oficiais houve cerca de 8 mortos e não deu conta de quantos feridos.

Anderson Barbosa, de 77 anos, é morador da cidade de Ipatinga e trabalhou na empresa Usiminas de 1961 a 1987, tendo vivido de perto o drama do Massacre. Numa breve entrevista, ele nos contou parte dessa experiência.

paradoXo - O Massacre de Ipatinga contra os trabalhadores da Usiminas aconteceu em 1963, um ano antes de estourar o golpe militar em todo Brasil. Como o senhor descreve os motivos que levaram ao massacre?

Anderson Barbosa - Foi uma situação insustentável. Naquela época os comunistas pretendiam se instalar no país e isso incomodou a muitos que encontraram no regime a melhor forma de combater o comunismo. Aqui os trabalhadores estavam somando forças, e para os patrões isso não era bom. A coisa ficou feia!

paradoXo - Devido a essa "situação insustentável", como era o clima dentro da empresa?

Anderson Barbosa - A agitação era muito grande. Via os elementos agitarem os trabalhadores contra a empresa e o governo. Esses agitadores falavam do descaso com o operariado e isso gerou um clima de revolta muito grande. Lembro-me de uma situação um tanto inusitada. Um dos trabalhadores tinha ataques epiléticos com frequência. Certa vez esse trabalhador se serviu no bandejão e logo após passou muito mal. Os agitadores começaram a gritar "O bandejão mata", despertando um espírito revolucionário nos trabalhadores. (sorriso comedido)

paradoXo - O senhor conheceu alguém que foi ferido ou até mesmo foi morto no massacre nesse tempo em que trabalhou na empresa?

Anderson Barbosa - Entrei na empresa em 1961, dois anos antes da revolta, tempo suficiente para conhecer pessoas, mas curto para criar vínculos. Fiz poucos amigos, mas conversei com alguns. Lembro-me de um rapaz que mais tarde, no tiroteio, levou um tiro na perna e até hoje sofre com as seqüelas. Quando nos encontramos na rua prefiro não tocar no assunto. Não conheci ninguém que morreu.

paradoXo - Nesse pouco tempo trabalhando na Usiminas antes da revolta, o senhor percebeu algum movimento político contra a empresa? Chegou a participar de algum?

Anderson Barbosa - Os movimentos eram proibidos. Quem fizesse era mandado embora. A coisa era feia, mas eles existiam às escondidas. Eu também era contra as injustiças, mas nunca me envolvi com os movimentos porque entendia que tudo poderia se resolver com mais tranquilidade.

paradoXo - Conhece-se pouco dessa faceta da história do Brasil. Muitos acreditam que o massacre se resumiu ao tiroteio de 7 de Outubro e outros nem sabem o que foi o massacre. Fale um pouco disso.

Anderson Barbosa - O tiroteio é mais conhecido, mas as condições na empresa não eram boas. Os vigilantes além de serem, em muitos casos, analfabetos, humilhavam os trabalhadores. Os trabalhadores eram revistados na hora de entrar e na hora de sair do galpão. A comida não era boa. Aconteceu, dias antes do tiroteio, um caso nos alojamentos dos trabalhadores. Ao sair da empresa esses trabalhadores protestaram e mais tarde os policiais foram ter com eles e houve troca de tiros. Muitos trabalhadores foram presos e mais tarde aconteceu o que muita gente sabe e ficou conhecido como o massacre.

paradoXo - O tiroteio de outubro de 1963 que o Senhor menciona foi o ápice do Massacre ou o massacre em si. O que foi mais marcante para o senhor nesse período?
Anderson Barbosa - O tiroteio foi deflagrado em 7 de Outubro de 1963 e foi de fato mais marcante. Eu morava longe do galpão da empresa e nessa época os trabalhadores iam para o serviço em um caminhão onde as condições eram precárias. No dia do tiroteio em si, alguns trabalhadores fecharam as portarias da empresa com diques. Os operários que estavam dentro da empresa chegaram a ficar lá até três dias. Diante da situação os trabalhadores estavam em polvorosa e alguns gritavam "Isso não é uma greve é uma revolução. Hoje vai sair tiro". Eu estava do lado de fora aguardando um desfecho. Vi um carro chegando e imaginei que se aproximava a solução, mas na verdade eram os militares com armas prontas para atirar. Uns lançavam bombas e outros estavam munidos de metralhadoras. Foi difícil!

paradoXo - Qual foi a reação dos trabalhadores com a chegada dos militares?
Anderson Barbosa - Muitos se assustaram. Mas de fato alguns trabalhadores provocaram os policiais com uma faixa que de um lado tinha os seguintes dizeres: "A polícia tá pedindo penico".

paradoXo - De acordo com dados oficiais, cerca de oito pessoas morreram e não se tem dimensão do número de feridos. Esses dados procedem?
Anderson Barbosa - Ah, dizem por aí que morreram só oito pessoas, mas não sei se é verdade. Lembro-me de ver os militares atirarem em muita gente, muitos ficaram feridos mas não sei se foram só oito mortos.

paradoXo - Diante dessa situação difícil o que o senhor fez para escapar do domínio dos militares?

Anderson Barbosa - Próximo à portaria da empresa tinha e até hoje tem uma linha de trem (a Vitória-Minas) onde ao lado tinha uma valeta. No momento em que os militares chegaram, eu me joguei dentro dessa valeta e nesse instante eles começaram a atirar. Podia ouvir o barulho dos tiros nos trilhos da linha de ferro. Muitos conseguiram se esconder nessa vala, porém alguns morreram lá em cima e outros ficaram feridos. Vi muitos se rastejando para fugir dos tiros. Teve um momento em que pensei "Minha esposa está viúva e minhas filhas, orfãs". Pensei que fosse morrer. Fiquei assustado, vi pessoas serem atingidas. Um rapaz foi acertado na cabeça e o seu sangue espirrou com pressão sobre mim. Fiquei muito assustado.

paradoXo - Quando tudo acabou...
Anderson Barbosa - Ah! Foi um grande alívio. Imaginava que uma hora um tiro poderia me acertar. Quando passaram os caminhões anunciando que a revolta havia terminado fiquei aliviado. Chegando em casa a notícia do massacre tinha assustado a todos e juntos ficamos aliviados. A revolta tinha acabado, mas sabíamos que o domínio dos militares só estava começando (referindo-se ao Regime Militar iniciado em 1964).

paradoXo - O regime militar citado acima pelo Senhor durou vinte e um anos e hoje pode se dizer que vivemos em uma democracia. O que o senhor pensa disso?
Anderson Barbosa - Sempre fui a favor da democracia. Hoje as coisas estão um pouco melhores, mas para isso, infelizmente foi preciso que muita gente morresse.

O Massacre de Ipatinga



Por Paulo Roberto de Souza

12 de Janeiro de 2006



Um olhar sobre o conflito social de 1963 na Usiminas e suas possíveis implicações na formação da cidade, realizada sob o signo da monoindústria.

O presente texto é fragmento de um trabalho de pesquisa do curso Mestrado em História Social e foi realizado através da metodologia de História Oral, daí o depoimento dos entrevistados serem transcritos da forma que são descritos.

O que acontece no seio de uma sociedade que faz transformar uma região naturalmente habitada em um iminente pólo siderúrgico do País? Como a sociedade ainda em formação, assimila a cultura geral vinda dos diversos cantos do Brasil, criando entre si um vínculo existencial, que impulsiona um lugarejo a transformar-se em uma cidade cuja presença é garantida entre as que mais arrecadam em Minas Gerais[1]? Um raciocínio simplista devolveria a resposta afirmando que a chegada da Usiminas[2] a esse lugarejo, consubstancia-se no fato gerador de tais transformações e seu marco inicial é o lançamento da pedra fundamental ocorrido em 1959, pelo então Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Todavia, há de se considerar que entre o marco inicial e o momento mais marcante na memória dessa população, "O Massacre de Ipatinga", a ação do homem foi decisiva na transformação da natureza e na formação dos elos existentes entre trabalhadores, empresa e cidade.

Localizada na região conhecida como Bacia do Rio Doce, que é formada pelos rios Doce, Piracicaba e Ribeirão Ipanema, Ipatinga não traz no seu contexto atual, grandes lembranças dos tempos idos, a não ser na memória do seu povo e em algumas fotografias que nos permitem recompor os momentos que antecederam a construção da Usiminas. Localizado nas proximidades de Coronel Fabriciano, da qual fazia parte, o arraial de Ipatinga tinha uma

população de carvoeiros que trabalhava para a Companhia Belgo Mineira[3] e essa população mesclou-se com os fazendeiros e jagunços do local, transformando o foco de vida de uma população tranqüila em uma atividade agrícola diferenciada do cotidiano de décadas atrás.

Nesse espaço geográfico, o verde natural foi substituído através da ação do homem, pelas árvores de crescimento rápido com vistas ao abastecimento dos fornos de gusa, comuns na região. Alguns sítios de pequeno porte se espalharam por entre os morros desnudos ou já em reflorestamento, marcando sempre a presença do homem, na sua insaciável vontade de destruir e construir. Nota-se, portanto, *"que a guerra travada pelo capital para arrancar o campesinato à terra e para submeter a atividade agrícola inteira e exclusivamente ao lucro"*[4], torna-se presente a partir desse retrato da história. Além da transformação da natureza, surgiram também os primeiros problemas políticos, pois a tentativa de desvincular o arraial da administração de Coronel Fabriciano, foi permeada por relativa dificuldade. Segundo o relato do Sr. Raimundo Anício, um dos trabalhadores que produziam carvão para a Belgo Mineira, a Cidade de Coronel Fabriciano, apesar de não dar ao arraial a infra-estrutura necessária à sua urbanização, não aceitava sua desvinculação política; tiveram, portanto, que recorrer ao Estado para conseguir tal pleito.

"[...] em Ipatinga havia mais ou menos cem casas. Grande parte dos moradores era trabalhadores da Belgo Mineira e o restante era comerciante. Então fomos a Belo Horizonte para discutir a criação do distrito e procuramos o governador do estado, Bias Fortes. Ele exigiu vários documentos que foram providenciados e com 60 dias foi instalado o distrito. [...] Nessa época eu fornecia luz elétrica a motor. Furneci, durante 12 anos, para 60 casas. Tinha muita dificuldade para receber o fornecimento. [5]".

Nota-se nesse depoimento, a pobreza da região e a precariedade no modo de vida da população do arraial. Entretanto, essa realidade estava com os dias contados, pois nos planos - nacional e estadual - tomava corpo a instalação da Usiminas nessa região, que reunia as condições necessárias a implantação do projeto Nipo-brasileiro. A topografia local, a proximidade da fonte de matéria

prima[6], a fonte de energia da Usina Hidrelétrica de Salto Grande e a Estrada de Ferro Vitória Minas que corta a região, pesaram na decisão de se instalar a empresa no arraial de Ipatinga.

Legalmente a Usiminas foi constituída em 25-04-1956 com a previsão de 500.000t/ano, mas a chegada dos primeiros topógrafos só começou em agosto de 1958 conforme o Sr. Anício:

"O primeiro emissário da Usiminas se chamava José Joaquim de Moraes[7]. Chegou e me procurou no bar, a mando de Lauro Pereira, de Coronel Fabriciano. Disse que precisava comprar duas ou três barracas e sabia que existiam as casas pré-fabricadas da Usina de Salto Grande[8]. Pediu que verificasse isso, por que ele precisava alocar os topógrafos da Usiminas[9]".

Os topógrafos anunciavam a chegada das obras no ramo da construção civil. Tudo era muito complexo, pois a região não era ligada por rodovias pavimentadas dificultando a chegada dos equipamentos, além de não contar com um sistema de transporte devidamente instalado para alocar um contingente enorme de trabalhadores que chegava à procura de empregos disponíveis no início do serviço de terraplenagem e obras de fundação da empresa. Nesse contexto, é possível analisar duas situações distintas: a primeira diz respeito à disponibilidade de recursos empregados pela empresa para levar a cabo a iniciativa da construção. A segunda é a forma que os trabalhadores vindos de outras regiões procuravam, com seus próprios e escassos recursos, se instalarem em um arraial que não tinha mais que cem casas. A nova etapa na vida dos trabalhadores nesse novo eldorado parecia fadada ao sofrimento por um bom tempo.

Quando chegaram aqui as primeiras empreiteiras para construir a empresa, precisavam de fornecedores de tudo. Fizeram os bandejões e fornecíamos os cereais. Para os operários nós fornecíamos as mercadorias nas repúblicas. As empreiteiras nos pagavam mensalmente. Chegava gente de toda parte do Brasil. O pessoal ficava entre Ipatinga e Salto Grande procurando emprego. Os que voltavam e não achavam emprego ficavam espalhados na Praça de

Ipatinga. Boa parte do pessoal que chegava ia para a Rua do Buraco[10], que era mato puro. Eles abriam o mato se instalavam em barracas. Fizeram mais de mil barracas cobertas com sacos de cimento das empreiteiras. Nessa época, só existia a Rua do Buraco e a Rua do Comércio[11].

A necessidade de acomodar essa massa humana gerou as primeiras especulações imobiliárias da cidade. Uma empresa do ramo, a SOTIL, tratou de adquirir os primeiros terrenos e loteou os dois primeiros bairros de Ipatinga, o Bom Jardim e a Vila Celeste. O proprietário, Pedro Linhares, foi o mesmo que comercializou os terrenos na construção da CSN em Volta Redonda e da Belgo Mineira em João Monlevade. Tratava-se, portanto, de um empresário com experiência no ramo. Todavia esses dois bairros serviriam apenas para acomodar os trabalhadores das empreiteiras[12], enquanto a Usiminas se encarregaria de construir as casas populares para abrigar os seus próprios empregados.

Curiosamente o centro do arraial toma uma conotação diferente das demais cidades do país. Na maioria delas, o processo de urbanização empurra as massas pobres para as áreas periféricas, ocupando os morros e criando as favelas. Em Ipatinga esse processo tomou um rumo, no mínimo curioso: O nosso depoente afirma que os trabalhadores recém-chegados a esse suposto eldorado, se acumulavam na parte mais baixa do arraial, ou seja: a rua do buraco. Cria-se, a partir daí, uma favela na parte mais baixa da cidade que estava nascendo. Nesse mesmo local surge também a primeira área de lazer para esses trabalhadores. A zona boêmia denominada Juá, criada ao lado dos barracos da Rua do Buraco recebia mulheres de vida fácil, que chegavam de todas as partes do Estado, na esperança de encontrar em Ipatinga, a solução para sua vida sem porvir. Mas de onde teria vindo todo esse povo ávido por uma perspectiva de vida mais digna? A resposta está nos programas de recrutamento iniciado pela Usiminas objetivando o início do funcionamento da sua unidade de produção, e esse programa foi colocado em prática nos principais centros urbanos do Estado. Constatamos dois critérios de recrutamento implantado pela Usiminas: o primeiro, em busca de mão-de-obra especializada, ela conseguiu em outras

empresas e nos ex-alunos do SENAI, nesse caso, para a área de manutenção. O segundo foi um processo de recrutamento aleatório para preencher os quadros de mão-de-obra não qualificada. Um dos nossos depoentes, E. S. F. afirma que a Usiminas mandou correspondência para todas as unidades do SENAI em Minas Gerais e os Diretores das unidades fizeram as convocações.

Acrescenta

ainda:

Nós fomos para Belo Horizonte. Saímos de Uberaba em um trem... um vagão e meio. Chegando em Belo Horizonte fizemos os testes lá no SESI e fomos mandados para Ipatinga. Alguns, como eu, eram menores de idade. Para esses, eles deram a seguinte recomendação: Vocês que são menores não entreguem a Carteira Profissional. Quando vocês completarem dezoito anos, tirem a carteira e entreguem. Se alguém perguntar pela carteira, digam que esqueceram em Uberaba e vão enrolando até completarem dezoito anos.

O pensamento gramsciano aponta um paralelo nesse processo de seleção da Usiminas, pois agrupar um quadro de operários especializados não é uma tarefa fácil e as articulações necessárias ao treinamento desses operários, só são menores, em esforços demandados, que os efeitos decorrentes da eventualidade da dispensa desses mesmos operários. Segundo Gramsci:

"construir um quadro orgânico e bem articulado de operários fabris qualificados ou uma equipe de trabalho especializada jamais foi tarefa simples: ora, uma vez constituídos esse quadro e essa equipe, seus componentes, ou parte deles, acabam por vezes não só se beneficiando com um salário de monopólio, mas também não são demitidos no caso de redução temporária da produção; seria antieconômico dispersar os elementos de um todo orgânico constituído com esforço, já que seria quase impossível voltar a agrupá-los, na medida em que a reconstrução deste todo com elementos novos, aleatórios, custaria tentativas e gastos não indiferentes"[\[13\]](#).

Dessa forma a Empresa conseguiu organizar parte do quadro de funcionários que iria trabalhar nos setores de manutenção. Porém, o recrutamento de mão-de-obra não especializada, obedeceu ao critério identificado por Gramsci como "processo aleatório". E esse processo foi necessário, dada a urgência do

momento em compor o quadro de ajudantes e serventes de operação ou manutenção. Segundo N. R., nosso segundo depoente:

[...] quando eu entrei pra lá, disseram que até boiadeiro... o boiadeiro passava lá tocando boiada lá, o pessoal que estava recrutando da Usiminas, porque precisava de mão-de-obra, chegavam lá e oferecia um salário ao boiadeiro, o boiadeiro largava a boiada lá e ia trabalhar. Ninguém sabia quem era quem. certo? Ninguém sabia, tanto é que... quando foi em sessenta e quatro, que o DOPS começou a fazer a limpeza lá, você vê que saía gente lá que.. tinha dez assassinatos em Mantena, tinha cinco assassinatos em Espírito Santo, então, entrou muita gente que não tinha qualificação, naquela época eles não pediam, é... como se diz... uma atestado de residência né, um atestado policial... não pedia nada naquela época.

Os costumes herdados do período anterior à industrialização do arraial, não foram arrancados ao cidadão "agora operário" nesse primeiro momento. No quadro de operários despreparados são notados esses costumes, inclusive no comportamento deles dentro do ambiente de trabalho. Portar uma arma, seja ela de fogo ou branca, tradição do tempo dos jagunços, foi mantido nos setores internos da empresa; continua N. R.,

[...] o rapaz que trabalhava comigo lá, que tinha o apelido de amigo da onça, ele trabalhava com um punhal desse tamanho assim na cintura. E não tirava aquilo ali pra nada.

Essa prática é confirmada por E. dos S., que relata como essas armas eram recolhidas.

[...] Ela fechava as portarias todas e em cada blitz, só saía o pessoal todo por uma portaria. Então ali ficava aquele batalhão de gente que eu não sei de onde é que vinha, se vinha de Governador Valadares, se vinha de Belo Horizonte, só que eram muitos policiais, e todos eles fortemente armados. Então ali eles davam blitz no pessoal todo. No final da blitz ali, eles encontravam feixes e mais feixes de armas, armas brancas que eles consideravam, algumas até feitas lá dentro mesmo e esses feixes eram um metro, um metro e meio de altura...

Nota-se que a Usiminas enfoca suas prioridades nas alterações de costumes herdados da vida camponesa. Anteriormente não se fazia distinção entre o trabalho e a vida, mas essa realidade sofre profundas alterações, objetivando o atendimento às necessidades do grande capital. Na visão de Thompson, "o que passa a predominar a partir daí, não é a tarefa, mas o valor do tempo quando reduzido a dinheiro"[14].

A necessidade de absorver todo o tempo do operário para transformá-lo em lucro, leva a empresa a adotar o regime de revezamento de turno nas áreas operacionais, além de criar a equipe de suporte na área da manutenção, buscando um funcionamento diuturno dessas unidades.

Superados os problemas administrativos na implantação de regime de revezamento, a direção da empresa volta a se preocupar com as questões externas, especialmente sobre as condições sanitárias do centro urbano. Na Rua 28 de abril, hoje a via central do comércio, os animais eram eviscerados sobre bancas instaladas nas suas laterais e os dejetos que escorriam pelas valas laterais da via pública, cenário que faz lembrar a Inglaterra no período da Revolução Industrial, e era isso que estava acontecendo em Ipatinga. Uma vala imunda, um ambiente fétido. A rapidez da transformação exigiu uma ação imediata do capital no sentido de suprir as necessidades da população cada vez mais crescente. Há que se considerar que o processo de industrialização gera, paralelamente, um processo de urbanização até então inconcebível pela população local e a Usiminas não economizou esforços no sentido de formar os elos entre empresa e cidade, tendo o homem como agente transformador desta realidade, ou seja: de si para si. Aos poucos a sociedade vai se acomodando, homogeneizando, mas esse caminho foi longo e espinhoso, especialmente pelo fato dele ter sido interceptado por um conflito social em outubro de 1963, que deixou uma nódoa de sangue na história do Vale do Aço.

Não tem como olhar esse episódio conhecido como "O massacre de Ipatinga" isoladamente, uma vez que ele esteve inserido num momento de acirramento ideológico no plano nacional, que apontava para uma ruptura institucional. Nas

palavras de Tânia Moreira Braga, "esse era um triste prelúdio do que seria Ipatinga nos anos da Ditadura Militar" (BRAGA, Tânia Moreira). Como as origens do conflito partem de dentro da empresa e se alastra para o seu entorno, é necessário descer àquilo que Simone Weil chama de "chão de fábrica"; é preciso verificar o contexto fabril com suas contradições internas, formadas pelas necessidades do capital e as necessidades dos trabalhadores nessa transição do período de construção para o processo produtivo da fábrica.

A questão do regime das empresas, considerada do ponto de vista dos trabalhadores, se apresenta com dados que se referem à própria estrutura da grande indústria. Uma fábrica é feita essencialmente para produzir. Os homens estão lá para ajudar as máquinas a fazerem todos os dias o maior número possível de produtos bem feitos e baratos. Mas, por outro lado, esses homens são homens; têm necessidades, aspirações a satisfazer, e que não coincidem necessariamente com as exigências da produção[15].

Observa-se que os problemas isolados, individualizados, agora cedem lugar aos problemas comuns da grande maioria dos operários. Dentre eles, o eterno embate entre os proletários e a chefia da empresa. O patrulhamento nas portarias era exercido por um corpo de vigilantes recrutado através de um processo aleatório, e esse patrulhamento desenvolve um clima de instabilidade que vai se avolumando com o tempo e transforma-se no estopim do conflito que as páginas da história não registraram ao longo desses quarenta e dois anos. Todavia, seria injusto atribuir à vigilância a total responsabilidade do problema, mas a uma gama de acontecimentos como a questão da moradia, a distância dos familiares e as diferenças político-ideológicas, que, associados ao despreparo dos vigilantes, gerou esse marco na memória da população local.

Grande parte dos empregados solteiros morava em um conjunto de alojamentos localizado no Bairro Santa Mônica e como eram, em sua maioria, jovens, a eles era atribuída qualquer espécie de agitação ocorrida no interior e na parte externa do ambiente de trabalho.

A polícia foi chamada para contornar a situação, todavia, segundo os

depoimentos de quem participou do momento, aqueles que tinham como missão acabar com a manifestação se intimidaram diante da multidão que aglomerou nas imediações e, temerosos, dispararam as metralhadoras causando pânico e mortes entre os trabalhadores. M. L. F, nosso terceiro depoente, empregado da Usiminas na época, participou de todo o movimento e relata os acontecimentos:

[...] nisso esse caminhãozinho chega e para e pessoal vindo do outro lado.....de Timóteo, de Coronel Fabriciano, dos bairro de Fabriciano, que tava na área de Ipatinga mas pertencia a Fabriciano e não sabia o que era, todo mundo tentano vê quê que era né, aí foram desceno, desceno, nisso chega o caminhãozinho opel da polícia, com cara de metralhadora, tripé em cima do coisa, fuzil, revólver, em cima do caminhãozinho.....nisso aquele pessoal ajuntano, ajuntano.....tinha muita valeta aberta, aqueles mundo de terra, aí nisso depois de certo tempo, um lá joga uma pedrinha na polícia.....aquele alvoroço de gente, outro começa a jogá.....começa a chovê pedra em cima deles, torrão né, torrão de terra.....eles abre fogo no pessoal, de metralhadora.....tinha aqueles cara com bandeira, aqueles pessoal protestano, agitano.....sei lá....com bandeira tal, e eles metralhano todo mundo.....eu pulei nos trilho, deitei atrás dos trilho, tinha uma valetazinha, muita gente pulando dentro da valeta e tinha gente quase sendo soterrado, porque o pessoal pisava no monte de terra ao lado, e o cara lá abaixadinho assim, eu não vou pulá dentro da valeta.....que eles chegam aqui corta tudo no tiro, aí eu rastejano, eu tava novo num tinha nem 22 ano, saía rastejano assim, e a bala comeno.....aquelas bala passava por cima da minha cabeça....igual esses besouro mangão. A nódoa de sangue maculou a região. Em abril de 1964 Ipatinga foi emancipada e em março do mesmo ano, o Golpe Militar silenciou o Vale do Aço. A música de Chico Buarque mostra esse retrato da história do Brasil, e, conseqüentemente, da cidade de Ipatinga: "a minha gente hoje anda falando de lado e olhando pro chão". O Massacre deixou de ser mencionado abertamente e passou a correr à "boca miúda" em todos os lares e botecos da cidade. A Usiminas empreendeu uma administração voltada para a produção e a necessidade de se bater recordes sucessivos, e, nesse contexto, o patrulhamento ideológico torna-se evidente entre todos os ambientes da

empresa e da cidade.

O s depoimentos dos sujeitos entrevistados nos leva a crer que a obsessão de caça às bruxas - comunistas e subversivos da época-, levou a empresa a criar seu próprio serviço de inteligência passando a patrulhar a vida particular de todos os seus empregados, ou pelo menos daqueles cujas opiniões políticas diferiam do regime implantado pelo golpe.

Na vida fora dos limites da fábrica, a empresa passou a alocar recursos no sentido de coibir excessos, investiu em disciplinar o trabalhador, enfim, preservar a figura do pai de família responsável e dedicado. Todos eram informantes, todos eram informados e todos eram medrosos. Não se sentiam ameaçados, mas vigiados. A polícia manteve sua condição de instrumento de coerção dos trabalhadores fora da empresa. A zona boêmia, agora decadente com a saída das empreiteiras, passou a ser mais vigiada e reprimida pela polícia. Enquanto isso, as primeiras instituições identificadas por Gramsci como portadoras de mentalidade pequeno-burguesa, tais como: Maçonaria, Rotary, Lions e clubes recreativos, se tornam comuns na cidade industrial.

O cotidiano do trabalho, procede também as transformações pertinentes ao universo fabril. Os chamados aumentos por mérito eram escalonados em letras, de "A" a "Z", podendo, o trabalhador, receber de uma a quatro letras de aumento de seis em seis meses. Simone Weil classificou essa gratificação através da concorrência, a ferramenta ideal para evitar a solidariedade excessiva dos operários. A solidariedade dá lugar à meritocracia e as constantes campanhas passam a estimular a concorrência e até mesmo o controle de um operário sobre o outro[16]. Na visão taylorista o gorila estava amestrado.

Finalizando, podemos inferir que as reconstruções dessas relações através da memória daqueles que viveram tal período, além de permitir uma comparação entre o vivido e o narrado, coloca o homem no centro das narrativas que constroem sua própria história.

Doravante procuraremos elaborar textos na tentativa de contribuir para a



*recuperação de acontecimentos históricos de diversas regiões,
ou seja: a recomposição da Micro-história.*
Paulo Roberto

[1] Ipatinga está localizada na região do Vale do Aço, completou em março de 2005 quarenta e um anos de emancipação política. Hoje Ipatinga está entre as campeãs de arrecadação em Minas Gerais

[2] USIMINAS – Usinas Siderúrgicas de Minas Gerais é hoje a maior siderúrgica especializada em aços planos da América Latina.

[3] Belgo Mineira, situada no município de João Monlevade, foi a primeira siderúrgica instalada no Quadrilátero Ferrífero e é produtora de aços trefilados.

[4] CHESNAIS, F. e SERFATI, Claude. A questão ambiental. Crítica marxista, n. 16, 2003, p. 40.

*[5] **Homens em Série:** a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens, vol. 1. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991, p.27,28.*

[6] A principal fonte fornecedora de matéria prima para a Usiminas está nas jazidas de minério de Itabira, aproximadamente a 100 quilômetros da Siderúrgica.

[7] José Joaquim de Moraes, conhecido simplesmente por "Moraes", seria o empregado "chapa 1" da Usiminas. Chapa era o termo utilizado como número de matrícula dos empregados e Moraes seria, mais tarde, o chefe do Bandejão, ou restaurante do "peões" da Usiminas.

[8] USINA HIDRELÉTRICA DE SALTO GRANDE – Usina construída pela CEMIG no Rio Santo Antonio. A usina vendia casas pré-fabricadas em madeira, remanescentes do período da construção, que serviam aos seus trabalhadores.

[9] Homens em Série: a história de Ipatinga contada por seus próprios personagens, vol. 1. Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1991, p. 28.

[10] - Rua do Buraco – Atual Rua São José, localizada às margens do Ribeirão Ipanema. Habitada pela população de baixa renda e onde funcionava também a zona boêmia da cidade,

o Juá.

[11] *Homens em Série: a história de Ipatinga contada pelos seus próprios personagens.* – Ipatinga: Prefeitura Municipal de Ipatinga, 1992. p. 29.

[12] *Empreiteiras eram as empresas encarregadas de construir a empresa, tanto no ramo da terraplenagem, quanto da montagem mecânica, elétrica e eletrônica.*

[13] GRAMSCI, Antonio. *Americanismo e Fordismo. Cadernos do Cárcere*, v. 4. Coutinho, Carlos Nelson et. Al (orgs.) RJ: Civilização Brasileira, 2001, p. 275.

[14] THOMPSON, E.P. *Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo industrial. Costumes em comum.* São Paulo: Companhia das letras, p. 271.

[15] WEIL, Simone. *A Condição Operária e Outros Estudos sobre a Opressão*

[16] *SQP – Segurança, Qualidade e Produção. Para cada uma das unidades, existia um controle de dias sem acidentes de trabalho e na medida em que esses dias iam acumulando, aumentava-se o prêmio mensal pelos dias sem acidentes. O orgulho de todo trabalhador era mudar a placa anunciando a quantidade de dias que seu setor estava sem acidentes de trabalho. Dessa forma, se algum trabalhador observava o companheiro praticando um ato inseguro, ele era imediatamente repreendido pelo outro.*